

Patrícia Galvão e Antonieta Rivas Mercado: imagens de si e tensões entre o pessoal e as práticas políticas em seus escritos pessoais.

ROMILDA COSTA MOTTA¹

Há muito que percorrer no que tange a estudos concernentes às ações de mulheres latino-americanas nos espaços além do espaço doméstico, refletindo sobre suas contribuições à vida social, política e cultural, tomando em conta as intervenções coletivas e/ou individuais; reflexões e análises acerca dos percursos, posicionamentos, formas de atuação, demandas, conquistas, permanências e continuidades produzidas nas experiências dessas figuras femininas; suas tentativas de ultrapassarem os obstáculos e dificuldades impostos, quando o tema foi (ou é) a situação da falta de equidade nas relações de gênero, nos planos político, social ou civil, em suas respectivas realidades. A forte convicção de que a escrita da história ainda pode avançar em investigações que reconstituam os caminhos percorridos pelos diferentes grupos de mulheres que entraram em ação para reivindicar, de forma explícita ou sutil, o direito a ocupar, também, a esfera do político, moveu-nos na pesquisa integral, da qual esse artigo é apenas parte.

A brasileira Patrícia Galvão (1910-1962) – jornalista, poetisa modernista, escritora - e a mecenas mexicana Antonieta Rivas Mercado (1900-1931) foram mulheres marcadas por diferenças ideológicas, políticas, de nacionalidades e de experiências de vida. Entretanto, outras tantas convergências as aproximam. Ambas, a partir de pontos de vistas diferentes, envolveram-se fortemente com o mundo da política nacional, fazendo escolhas e assumindo riscos e intervieram nas questões da cultura, atuando de formas diversas. O período comum de atuação foram os anos 1920 e 1930. Apesar desses decênios serem um período caracterizado por mudanças, o que se verifica é um descompasso entre transformações tecnológicas, perspectivas estéticas e políticas e a disposição em incorporar a figura das mulheres nos mais variados espaços. As visões de gênero não tinham a mesma celeridade das transformações ocorridas, visto que repensar tais questões exige-se mudança nas mentalidades, processo mais árduo e lento, que envolve lutas que são caracterizadas por constantes avanços e recuos. Suas respectivas trajetórias mostram-nos que ambas não se satisfizeram em serem meras expectadoras dos “ventos de liberdade” que sopraram nos decênios de 1920 e 1930.

¹ Doutora pela Universidade de São Paulo. Docente UNASP-SP

Envolveram-se, intensamente, participando de movimentos artísticos e políticos. Pronunciaram-se, atuando de diferentes formas, experimentando e reforçando modalidades de inserção que não eram tidas como “naturais” para as mulheres. No percurso das ações e escolhas, enfrentaram tensões e constrangimentos derivados das relações de gênero da época, visto que, nas duas instâncias – da cultura e da política - as mulheres eram apenas *toleradas* ou vistas, claramente, como *intrusas*²

Os documentos pessoais de Patrícia Galvão e Antonieta Rivas Mercado – diários, cartas, autobiografia são as fontes que fizemos uso. Procuramos analisar e discutir as subjetividades presentes, relacionadas às tensões vividas entre a vida privada e a atuação pública, nos campos da cultura e da política. A relação de historiadores (as) com essa documentação é relativamente recente. Um maior interesse pelas fontes privadas ou arquivos pessoais data dos anos 1970, na Europa, em geral, e na França, em particular. Parte da resistência às fontes chamadas “escritas de si” deveu-se ao entendimento de que elas não levavam a saber “o que aconteceu” ou a atingir a “verdade”. (GOMES, 1998, 126). Interpretavam-nas como um gênero permeado de muita imaginação e alto teor de subjetividade para ser visto como um documento digno de análise. Com o tempo, tem ocorrido uma aproximação crescente, mas ainda tímida. A incorporação dos escritos pessoais como fontes ou objeto de análise pode ser melhor compreendida a partir das transformações no campo historiográfico, que abriu mão de ortodoxias e aceitou a pluralidade de escolhas e diversidade de abordagens no “Fazer história”, oferecendo novas possibilidades aos (às) historiadores (as).

Essas alterações estão ligadas à renovação da história política e ao florescimento da história cultural. Deixou-se de se centrar nos “grandes homens”, “grandes heróis” e passou-se a conceber, ainda, a ampliação do corpus documental, a repensarem-se e incorporem-se novas fontes, objetos e renovações teóricas. Além da busca pela diluição de fronteiras rígidas entre o social, o político e a cultura, a história cultural se propôs a “repensar a oposição entre coletivo e individual, entre o qualitativo e o quantitativo, assumindo um enfoque que trabalha com ambos os termos, mas que, em função da reação que representa, inova, ao postular a dignidade teórica do individual e a fecundidade metodológica do quantitativo” (GOMES, 1998, p.125). A mudança de perspectiva pode ser compreendida dentro de uma lógica que contempla a revalorização

² Essas duas expressões aparecem no texto de Heloísa Pontes.

das ações do indivíduo na história. Segundo Lévy, “Quer seja sociológico, jurídico, ético ou metodológico, o individualismo remete a dois dados: o reconhecimento da liberdade de escolha do homem; o confronto entre a sociedade e o indivíduo na fixação de valores”. Ao defender a ideia, esse autor parte do princípio de que “uma sociedade não é um sistema e de que os fenômenos sociais são o resultado de um aglomerado de comportamentos”. Trata-se de pensar esse individualismo por uma perspectiva que procura compreender e explicar os fenômenos coletivos a partir de comportamentos, escolhas e estratégias individuais.

Compartilhamos a ideia de que as escritas autorreferenciais, como outros documentos, são fontes que oferecem possibilidades e alternativas, desde que o pesquisador esteja atento às suas grandezas e limites. Aqueles (as) que têm se apropriado dessa documentação têm procurado estabelecer procedimentos metodológicos de análise para enfrentar as dimensões subjetivas desse conjunto documental, procurando abordá-las criticamente, compreendendo que têm regras discursivas próprias, discutindo as imagens parciais presentes nas mesmas, pensando - de acordo com a situação e personagem - suas finalidades políticas.

Tal como as cartas, os diários e as autobiografias são gêneros que compõem as “escritas de si” nos quais as marcas da dimensão subjetiva são muito evidentes, tornando-se necessário, como bem sublinha Ângela de Castro Gomes, “um deslocamento nos procedimentos de análise crítica às fontes”. Não se trata, portanto, de emitir juízos sobre “erro”, “mentira”, “verdade”, pois, *a priori*, fica descartada qualquer possibilidade de saber “o que realmente aconteceu”. Gomes destaca:

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de dizer “o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p.15).

Nesta direção, Marina Maluf, em *Ruídos da Memória*, acrescenta:

O texto memorialístico é um registro “temperamental”, contido de humores e de assuntos selecionados no qual o autor é, ao mesmo tempo, leitor. É a palavra escrita de frente para o espelho e que joga com o ocultamento e o desvelamento da experiência vivida. A representação do vivido é a marca dessa forma de registro, o que a aproxima e afasta da objetividade. Embora se constitua em fonte documental insubstituível, a leitura de caráter pessoal não pode ser tratada como o “verdadeiro” testemunho do privado (MALUF, 1988, p.40).

Além de ressaltar a impossibilidade dos escritos pessoais realizarem o “resgate do passado”, “tal como se deu”, Maluf acrescenta um dado que também não pode ser ignorado que é o fato de que cartas, diários e autobiografias seguem alguns preceitos de comportamento que envolvem a sutil arte de ocultar e evidenciar, com propósitos de construir representações de si, levando-nos a concluir que pouco têm de espontâneo e/ou transparente. Cabe, como já dissemos anteriormente, ao explorar a relação história-memória, considerar e problematizar, além do que foi registrado como lembrança e o porquê de ter sido considerado digno de menção, também as zonas de silêncio, os lapsos, as omissões e os ocultamentos.

Dentro dos limites impostos, tais fontes se aproximam pelo fato de fornecerem elementos importantes para a análise das diferentes representações do passado e especialmente úteis para a discussão da constituição do “eu”, perante interlocutores múltiplos. Por meio delas, os (as) que as produziram, refletiram sobre a busca de autoconhecimento, elaboraram discursos e manifestaram subjetividades acerca de seus conflitos pessoais. No que concerne às mulheres, discorreram sobre temas como maternidade, sexualidade, relações familiares e de trabalho ou sobre suas inserções culturais e ou políticas.

Cartas, autobiografia e diário de Rivas Mercado e Galvão.

A leitura da série epistolar nos permite afirmar que, muito mais que troca de informações pessoais e afetividades, a missivista Antonieta Rivas Mercado deu usos diversos, ao investir nessa prática cultural. Essas cartas, enviadas, principalmente ao pintor Manuel Rodríguez Lozano (1897- 1971) e ao intelectual e diplomata Alfonso Reyes (1889-1959), com quem desenvolveu afinidades pessoais e intelectuais, fornecem-nos alguns elementos para concluir que a mecenas não se utilizou do ato da troca de cartas apenas para fortalecimento de laços de amizade, mas, também, como um meio de forjar imagens de si, perante seus interlocutores. Referimo-nos a estratégias encontradas pela mexicana para constituir uma identidade como autora de seus textos e, de uma forma mais ampla, como uma mulher que desejava romper com barreiras relacionadas às dificuldades enfrentadas pelo gênero para se inserir no mundo da cultura.

O conjunto epistolar destinado ao pintor é o maior que o de Reyes. A primeira, preservada, data de dois de julho de 1927, quando ocorriam, paralelamente, dois projetos culturais, entre outros com os quais se envolveu – teatro e revista *Ulises* - e encerra-se em

vinte e dois de janeiro de 1931, pouco antes de sua morte.³ Em determinadas fases, escrevia, quase que diariamente ao pintor. O maior espaçamento entre uma carta e outra foi de aproximadamente um mês. Geralmente, quando estava fora do México: em Nova Iorque ou quando já se encontrava em *Bordéus* ou em Paris. Em algumas, não há registro de datas, mas infere-se que, nos meses em que estavam em curso os arranjos para a estreia do Teatro de *Ulises*, a comunicação foi diária. Por vezes, bilhetes rápidos, tirando dúvidas sobre andamento dos trâmites de compra de materiais necessários para decorações de cenários das peças, contratação de profissionais, convites para encontros ou companhia em eventos culturais na Cidade do México, bem como pedia opiniões sobre textos ao artista.

Com frequência recorrente, o conteúdo destas cartas desperta, no México, a curiosidade em segmentos de leitores. Em grande parte, por conterem aspectos íntimos e sentimentais, relacionados ao amor nutrido pelo pintor, declarado por Antonieta e correspondido, por parte dele, de forma diferente do que o esperado por ela, que desejava um amor físico, ao qual não se intimidava em declará-lo. A relevância que o artista teve para a mecenas foi explicitado em diversos contatos epistolares – antes e depois da clareza quanto às impossibilidades na relação. Neles, reiterava, com frequência, a importância que Rodriguez Lozano tinha em sua vida. Ao compartilhar seus planos, fazia questão de dizer que as características que entendia como necessárias para a realização de seus projetos- disciplina, equilíbrio, maturidade,⁴ generosidade e compreensão - ⁵ havia encontrado, por meio dele.

Com Alfonso Reyes, que é o segundo na lista dos destinatários de Antonieta, em termos de volume – documentos preservados - a troca de cartas começou em 1926. O diálogo epistolar mantido com o intelectual foi, durante muito tempo, desconhecido por uns e desconsiderado pelos que organizaram as correspondências daquele.⁶ Vieram a

³ Antonieta Rivas Mercado tornou-se uma referência do mecenato nos anos 1920, no México. Entre 1927 a 1929 investiu recursos econômicos, intelectuais e atuou, diretamente, em projetos culturais nas áreas das artes cênicas, música, teatro e literatura. Em 1929 engajou-se na campanha do intelectual e político José Vasconcelos. Suicidou-se com um tiro no peito, na Catedral de *Nôtre Dame*, Paris, em 11 de fevereiro de 1931.

⁴ Carta de ARM a MRL, 25/04/1928. *Op. Cit.*, p.78

⁵ Carta de ARM a MRL, 02/09/1928. *Op. Cit.*, págs. 109-111.

⁶ A maior parcela da troca epistolar de Reyes com personagens diversos da cultura mexicana e internacional já saiu publicada. Entretanto, a série de cartas enviadas por Rivas Mercado ficou excluída, devido às escolhas dos editores, vindo a se tornar conhecida para um público maior após a compilação e organização das notas e publicação do livreto *La Antonieta de Reyes*, de Ponce Rivas. Cf: PONCE RIVAS, Antonio (recomp. y notas). *La Antonieta de Reyes*. México: Aladas Palabras, 2005.

público somente em 2005, com a publicação da obra *La Antonieta de Reyes*. Os missivistas iniciaram a comunicação em 1926, quando Antonieta vivia sua temporada na Europa e Reyes exercia cargo diplomático em Paris. A última de que se tem registro é de 15 de novembro de 1929, do *St. Luke's Hospital*, em Nova Iorque, quando Antonieta se encontrava internada, recuperando-se de uma crise nervosa.

Em 1926, Rivas Mercado já vivia uma situação intermediária, no casamento, com Albert Blair. Oficialmente, ainda era casada, mas já havia decidido-se estabelecer uma vida independente, em relação ao pai de seu filho. Acompanhar o desenvolvimento da comunicação entre eles nos leva a indagar acerca dos interesses e questões em jogo, especialmente da parte da mecenas mexicana, pois, se as cartas são formas de comunicação, espaço revelador de ideias e projetos, opiniões e sentimentos, o são, também, de interesses – explícitos ou não. Vale a pena considerar o lugar social do (a) missivista e também daquele (a) a quem são destinadas as cartas - no campo intelectual e político. Isso porque, como bem sublinha Gomes, “a correspondência pode estar voltada para um objetivo específico, embora não exclusivo, ou combinar de forma mais equilibrada, algumas intenções (GOMES, 2004).

Na série epistolar publicada, percebemos, por exemplo, a forma como a missivista utilizou sua correspondência como instrumento de aproximação de sociabilidades, buscada numa relação mais próxima com Reyes, claramente, uma grande referência para ela. São claras suas iniciativas no sentido de ampliar a aproximação com o intelectual, entendendo que, por meio dele, ampliaria o seu círculo de relações no mundo da cultura. Nessas missivas, pode-se acompanhar algumas marcas de descontração, por parte de Antonieta, evidenciando a evolução da relação entre as partes. Na primeira, enviada ao representante do México em Paris, escrita a partir de Madri, em março de 1926, percebe-se, ainda, um tratamento distante, formal e respeitoso – “Estimado Senhor e fino amigo”.

No decurso do tempo, um grau maior de pessoalidade na relação, buscada por Rivas Mercado, parece ter sido alcançada. Aos poucos, formalidades foram se escasseando. Em novembro de 1926, já demonstrava maior intimidade do que a registrada nas primeiras comunicações com o diplomata e intelectual, passando a referir-se, quase sempre, apenas, como “Querido amigo” ou “Querido Alfonso”.

Em diferentes momentos, os documentos também evidenciam forte preocupação, no sentido de produzir meios para enfrentar o futuro- seja fazendo da prática epistolar um treino para o trabalho intelectual ou como instrumento útil para o estabelecimento de

contatos com figuras do meio cultural. Numa das cartas, além de agradecer-lhe o envio de algumas obras, afirmando não mais se sentir “excluída do cenáculo dos amigos de Reyes no México”, pedia-lhe que a informasse sobre quais revistas francesas eram as que, na opinião dele, dariam melhor, o tom da cultura francesa, permitindo-nos inferir que, já naquela temporada na Europa (1923-1926), a futura mecenas já demonstrava desejar reunir elementos e materiais para a realização de projetos culturais futuros. A documentação aponta-nos ainda que, nas cartas, usava argumentos para lapidar imagens de si, perante o intelectual, como alguém que satisfazia-se e deleitava-se nos espaços de conhecimento – arquivos, museus – e que tinha interesse em ampliar sua visão e conhecimento sobre o mundo da cultura.

A resposta de Alfonso Reyes foi dada em janeiro de 1927. Entre as correspondências publicadas, foi a única preservada que se tem registro, até então. Ali, Reyes atendeu ao pedido da Antonieta, indicando os nomes das publicações: “Querida amiga, as revistas modernas que dão melhor o tom da cultura francesa são, no meu entender, *La nouvelle Revue Française* e *Commerce*. Do ponto de vista artístico, *L’amour de L’arte* e *Cahiers d’Art*.”⁷ Mais adiante, apontou caminhos para que Antonieta tivesse acesso ao material e outras “novidades”.

Antonieta tinha clareza de que Reyes, já naquele tempo, intelectual de fama reconhecida no México e alguns países da América Latina, possuía em sua rede de relações, uma série de contatos que poderiam significar alternativas para sua inserção no mundo da cultura. Numa delas, a título de exemplo, escrita de Madri, em 1926, escreveu: “Estimado Senhor e fino amigo. Escrevo a você, recordando seu oferecimento. Espero que o tempo tenha transcorrido sem modificar sua boa disposição”. Referia-se à promessa de Reyes de apresentá-la, por meio de cartas, aos escritores espanhóis Juan Ramón Jiménez, Eugenio D’Ors e também Ortega y Gasset.⁸ Cerca de duas semanas mais tarde, tornou a fazer contato, informando que havia feito uso das cartas de apresentações enviadas.

As cartas e bilhetes de Patrícia Galvão, destinados ao filho Rudá, foram escritos nos variados períodos em que esteve distante, seja por motivo de viagens - curtas ou

⁷ Carta de Alfonso Reyes a Antonieta, de 03/01/1926 (sic) – A carta foi escrita em 1927. In: PONCE RIVAS, Antonio. *Op. Cit.*, p.12.

⁸ Carta de ARM a Alfonso Reyes, 21/03/1926.

longas - ou durante tempos de prisão,⁹ apresentam características de uma escrita fragmentária. Foram produzidas na primeira metade dos anos 1930 e refletem a dinâmica de vida de Pagu, naquele período, que foi marcado pela urgência em vivenciar intensamente as experiências na militância política. Na maior parte das vezes, são textos curtos, escritos às pressas. Geralmente, na chegada a uma cidade, a partir de uma viagem, das prisões, onde se encontrava, ou para marcar despedidas de Oswald de Andrade ou de Rudá.

No entanto, há outra fonte, bem mais expressiva, em termos de volume. Referimo-nos a uma longa “carta”,¹⁰ destinada a Geraldo Ferraz, seu segundo companheiro. Temos em conta que os gêneros autobiográficos apresentam, em diversas situações, fronteiras porosas, fato que possibilita frequentes quebra de normas, evidenciando imensas e perigosas dificuldades de enquadrá-los ou sistematiza-los, por meio de definições rígidas. Assim, apesar de termos iniciado chamando-a de “carta”, assinalamos que se trata de um documento caracterizado pela hibridez.

Quando o documento saiu publicado, os editores optaram por nomeá-la de “autobiografia precoce”. Na apresentação do texto aos leitores, Geraldo Ferraz Galvão, seu segundo filho, chamou-a de “carta-depoimento”, mas “carta autobiográfica” aparece com frequência.¹¹ Patrícia Galvão, por sua vez, em vários momentos, quando o escreveu, o chamou de “relatório”. A forma tem algumas características de uma carta, já que foi destinada a Geraldo Ferraz, seu companheiro. Também possui duas marcações de datação, elemento fundamental de um diário – ambas, referentes a novembro (1º e 12) de 1940, quando já se encontrava em liberdade.

Como mostras da porosidade com o qual o gênero autobiográfico pode se constituir, o documento produzido por Patrícia Galvão também apresenta elementos de uma autobiografia “clássica”.¹² Geralmente a autobiografia está voltada para o passado e busca abarcar “uma vida”, propondo uma “utopia unificadora” (LEJEUNE, p.49 e 283).

⁹ Patrícia Galvão esteve presa, diversas vezes, ao longo do decênio de 1930. A mais longa deu-se entre janeiro de 1936 a julho de 1940, com um intervalo de poucos meses de liberdade, resultado de uma fuga do hospital, onde estava internada.

¹⁰ Colocamos a expressão entre aspas porque o documento assume características de outros gêneros dentro da categoria “escritas de si”, como apresentaremos a seguir.

¹¹ VER: FERRAZ, Geraldo Galvão. “A vida dentro de uma pasta preta” e JACKSON, Kenneth David. “A fé e a ilusão: o caminho de paixão e pureza de Patrícia Galvão”. In: GALVÃO, Patrícia. *Paixão Pagu. Op. cit.*, Págs. 8 a 23.

¹² Na definição de Philippe Lejeune, a autobiografia trata-se de um “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, enfatizando sua vida individual e, em particular, a história de sua personalidade”.

O gênero “autobiografia” caracteriza-se, também, pelo fato de estar virtualmente concluída, desde o momento do começo de sua produção, já que a narrativa realizada termina no momento em que se escreve. Segundo Philippe Lejeune, importante referência nos estudos dos escritos autobiográficos, “conhecemos o ponto de chegada da narrativa, uma vez que o estamos vivendo, e sabemos que tudo vai ser escrito para levar a este ponto e explicar porque chegamos até ele (IBIDEM, p.272). A autobiografia de Patrícia Galvão guarda algumas especificidades em relação às autobiografias tradicionais, que quase sempre são escritas no outono da vida, com o intuito de afirmar uma identidade por meio da construção de uma memória material. Esta, em questão, foi grafada quando sua autora ainda tinha trinta anos, por isso mesmo, seus editores escolheram o adjetivo “precoce” para ajudar a compor o título.

Denotando adotar uma concepção que vê no ato da reminiscência e da escrita autobiográfica uma conduta auto terapêutica, Geraldo Ferraz sugeriu à Patrícia que fizesse um balanço crítico, refletindo sobre as escolhas e ações passadas e escrevesse sobre suas experiências. O início do texto deu-se, ainda na prisão. O ato de produzir uma autobiografia engloba responder para si e/ou para possíveis interlocutores perguntas como “quem sou”, “o que e porque fiz”, “o que me tornei”. Ao sugerir a escrita, Ferraz denotou que compartilhava da ideia de que Pagu encontraria, subjetivamente, no ato de reflexão e de análise da experiência passada, um sentido para o vivido, elemento importante na escrita de autobiografias. Também, que o ato produziria a superação de algumas lembranças de fatos vividos nos duros anos de militância e de cerceamento da liberdade, possibilitando, assim, o enfrentamento da nova realidade que a aguardava. Por fim, entendia que poderia ser uma forma de atenuar a solidão, ajudando-a a suportar a espera para a almejada liberdade.

As primeiras palavras de Patrícia Galvão indicam que houve uma resistência inicial, rompida depois de certo tempo e a indicação, seguida. Iniciou escrevendo:

Meu Geraldo,

Seria melhor que tudo fosse deglutido e jogado fora. Pela prisão, tempo-prisão, mundo que começa no nosso portão. Talvez não valesse a pena a gente passear retrospectivamente. Sempre implica marcha à ré. Sou contra a autocrítica. O aproveitamento da experiência se realiza espontaneamente, sem necessidade de dogmatização (...). Escrever já é um desvio favorável ao esconderijo. No fundo, eu penso na defesa dos detalhes, porque sei que os detalhes justificarão em parte a minha maneira de ser. Ou não. A minúcia será o castigo de minha covardia. Minha humilhação está na minúcia (...) (IBIDEM, p. 52).

Interrogou-se e ao seu interlocutor se falar de si, não seria uma “modalidade de fuga”? Queremos trazer à discussão alguns motivos para a relutância de Pagu. Entendemos que a negativa inicial deveu-se, fundamentalmente, às suas perspectivas marxistas, que priorizavam muito mais a temática das estruturas comandando as relações sociais, os mecanismos econômicos e formas de discursos, do que conferir importância ao papel e à história de vida do indivíduo. Ao se questionar, “por que dar tanta importância à minha vida”? Patrícia demonstrava que, embora decepcionada com os rumos tomados na sua experiência como militante, ainda concordava que as percepções, intenções e ações individuais tinham pouca importância no conjunto que rege a história da humanidade. Por outro lado, pensamos que deveu-se, também, ao fato de que o teor dos fragmentos de lembranças ainda eram por demais pesados, o que a fez afirmar: “se eu tivesse certeza que não me custaria nada falar, eu não falaria” (GALVÃO, 2005, p.51/2).

Como é comum nos projetos autobiográficos, ao materializar a lógica de sua narrativa, algumas das experiências vividas, no passado recente, favoreceram o ato de entrelaçamento do presente e do passado como um todo, construindo uma unidade imaginária. Ao descrever a experiência do presente, vinculou-a a um “sempre” ou “desde pequeno (a)”, como se buscasse a concretização, por meio da escrita, da noção sartriana do “projeto original”.¹³ Isto se evidencia quando se lê em sua carta autobiográfica: “É incrível, meu Geraldo, mas quando resolvi lhe contar a memória de minha vida, pensei numa narrativa trágica – *sempre*¹⁴ achei trágica a minha vida. Absurdamente trágica. (...)”¹⁵ Não são poucos os fatos descritos que auxiliaram na explicação de Patrícia a esta tese de seu projeto autobiográfico: desilusões relacionadas aos amores escolhidos, incompreensões familiares, o percurso na militância que a levou, segundo suas palavras, da “fé” à “ilusão”¹⁶ e, claro, naquele instante em que escrevia, à desilusão política.¹⁷

¹³ Segundo Pierre Bourdieu, a noção de “projeto original” de Sartre refere-se à crença de que a “vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como uma expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto”. Expressões do tipo “desde já”, “desde pequeno”, comuns na escrita (auto) biográfica buscariam construir um sentido, estabelecendo uma ordem cronológica e lógica, desde um começo, uma origem, no “duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até o seu término, que também é um objetivo”. (BOURDIEU, p. 184).

¹⁴ Grifo nosso

¹⁵ GALVÃO, Patrícia. Paixão Pagu. *Op. Cit.*, p. 54.

¹⁶ As expressões são de Pagu, referindo-se à fé que depositou nas possibilidades de condução do Partido Comunista no processo da Revolução comunista, enquanto atuou como militante.

¹⁷ *Ibidem*. Expressões da autora. P.57

O resultado da “Patrícia por Patrícia”, construída e apresentada a Geraldo Ferraz foi uma mulher distinta e mais complexa daquela que a iconografia, relatos e produções culturais que floresceram nos anos 1920 apresentavam: a “musa” sedutora. Em diferentes trechos de seu relato autobiográfico indicou o quanto aquele aspecto da imagem sobre ela lhe incomodava. A insatisfação se evidenciou, ao narrar, diversos fatos relativos, tanto à segunda metade dos anos 1920, quanto ao longo do decênio de 1930, incluindo o tempo de militância partidária. Num destes, escreveu:

Eu sempre fui vista como um sexo. E me habituei a ser vista assim. Repelindo por absoluta incapacidade, quase justificava as insinuações que me acompanhavam. Por toda a parte. Apenas lastimava a falta de liberdade decorrente disso, o incômodo nas horas em que queria estar só. Houve momentos em que eu maldisse minha situação de fêmea para os farejadores. Se fosse homem, talvez pudesse andar mais tranquila pelas ruas.¹⁸

A forma como tratou o assunto nos fornece possibilidades para explorar algumas ambiguidades e complexidades que marcam a personagem e demais sujeitos históricos. Dentro da diversidade de imagens presentes em suas “confissões”, à imagem de “ousada”, a escritora parecia desejar incluir em sua apresentação de si uma outra, que era a de uma mulher que naquele momento desejava deixar para traz um passado turbulento para encontrar quietação, naquela relação que ali se constituía.

Por meio do gênero autorreferencial, Patrícia Galvão também elaborou imagens, visando atender ao objetivo de afirmar e/ou corrigir identidades discordantes. Em sua carta autobiográfica, notamos seu empenho em contrastar representações construídas por outros, que não queria que se impusessem, por entender que eram simplificadoras. Em oposição às imagens de “musa” “mulher rebelde”, subversiva”, perigosa”, “degenerada sexual”, “sedutora”, “seduzível”, representações cristalizadas em documentos do PCB, pelo DEOPS, Pagu refutou, procurando definir-se como a “revolucionária comunista sincera”, capaz de todos os sacrifícios, inclusive o de mãe, por um projeto político que visasse à “libertação” da coletividade explorada.

Maternidade e ações políticas

Diferentemente dos discursos normativos e da crença que insistia – e insiste - na ideia do “instinto maternal”, ou, na expressão de Badinter, no “mito do amor materno”, podemos afirmar que, no caso das duas personagens escolhidas para a investigação,

¹⁸ *Ibidem*: p. 139.

a que encerram a ideia de que a maternidade teria o potencial de trazer completude à mulher, essa tese não se confirmou pois a maternidade não as apaziguou, já que a vivenciaram de forma tensa, divididas entre o desejo de convívio com a criança, entremeado com a vontade de viver outras experiências, além do espaço doméstico. E o fizeram, assumindo os custos do ato.

Antonietta, por seu lugar social – membro de família tradicional na sociedade mexicana - e outras circunstâncias, nem sempre possíveis de mensurar ou afirmar, demonstrou uma postura mais ambígua. Embora seus textos públicos tenham, ainda que de maneira dúbia, reforçado o papel da mulher como mãe, escrevendo que era a “grande obra”, na prática, também se distanciou daquele que poderia ser visto como “modelo de mãe”, dentro dos moldes tradicionais. Na análise de seus escritos pessoais, não deixamos de apontar que expressava aos seus interlocutores o quanto fazia-lhe falta a presença do filho. Entretanto o que notamos, também, é que, em função da maternidade, não deixamos de realizar os projetos que deram-lhe projeção como a “grande mecenas do México”.

Patrícia Galvão impressiona-nos ainda mais. A coragem assumida em seus escritos pessoais, reconhecendo os sentimentos ambivalentes com os quais vivenciou a maternidade, chamam atenção. Embora não neguemos o esforço, ali presente, em justificar para si e para o companheiro, Geraldo Ferraz, os motivos que a haviam empurrado à luta política, abrindo mão da vida pessoal e, inclusive, da maternidade, a tônica evidenciada é da tensão entre ser a mãe que esperavam – ou, quem sabe, também, ela, gostaria de ter sido para Rudá - e o desejo irrepreensível de atuar na militância política. Num dos trechos, ao descrever reminiscências relacionadas a um dos períodos que havia voltado ao convívio com o filho, registrou que sentia-se bem, tendo a criança mais perto, mas, ao mesmo tempo, esperava, no “desvão da vida, a corrente que a puxasse novamente para a luta política”, para suas “atividades revolucionárias”, que eram sua “única certeza”. O trecho abaixo explicita melhor a ideia que buscamos apresentar:

Se o Partido precisasse de mim, deixaria de lado qualquer experiência, qualquer aspiração. Havia momentos em que me indignavam minhas tentativas de acomodação. A minha vida não estava ali em minha casa. Eu já não me pertencia. Deixaria ainda meu filho. Por que me prendia então a ele, se sabia que estava predestinado a deixá-lo? Sabia que se o Partido me chamasse, eu iria. Não tinha nenhuma dúvida. E quando o Partido me chamou, eu fui (GALVÃO, 2004, p.114).

Como pode-se notar, apesar de todas as mágoas contra o Partido Comunista do Brasil (PCB), presentes no texto autobiográfico de Patrícia Galvão, também é evidente, a partir da leitura da fonte citada, que não se colocou como a militante que foi forçada a assumir as atitudes que tomou, frente à relação com o filho. Deixou claro que cumpriu as tarefas dadas pelo Partido, com a energia executada, porque quis, reconhecendo que seu “interesse materno era menor que o desejo de expansão” (GALVÃO, p.69)

Entendemos que a forma com a qual lidaram com a maternidade – Antonieta, de forma menos marcante, mas, também, distante dos padrões sociais previstos pela sociedade e cultura nas quais estava inserida - não deve ser vista apenas como resultante das circunstâncias de transformações históricas, culturais ou políticas. Isto não quer dizer que ignoremos o fascínio que as mudanças produziram na mente daquelas mulheres, que se viram desejosas de participar das transformações políticas e culturais que ocorriam.

Defendemos que a maneira com a qual lidaram com a vivência com seus respectivos filhos deve ser pensada dentro da perspectiva que considera que todo o contexto deflagrou desejos latentes naquelas mulheres representativas de uma época de transformações em curso. Com eles, a coragem para propor outras formas de pensar a vivência da maternidade e outros papéis e lugares para as mulheres. As duas acenaram que a saída para uma relação de dominação - construída histórica e culturalmente - (SCOTT, 1988) dependeria grandemente das próprias mulheres. Ainda que, em tons e expressões diferentes, ambas alertaram que caberia, especialmente, às mulheres a alteração da realidade e as conclamaram a buscar conquistar papéis e lugares mais ativos, que transcendessem o papel como mães e o lugar no lar, após um casamento. Aproximaram-se, ao questionarem o lugar subalterno conferido à mulher, propondo outras possibilidades de ação e, inclusive, defendendo (por palavras e/ou ação) maior envolvimento com a política, no seu sentido mais convencional – a partidária. Apesar de perspectivas ideológicas distintas, alimentaram expectativas e esperanças do advento de mudanças, por meio da militância política. Portanto, denotaram não terem cultivado, reproduzido ou enraizado a ideia de que política não era “assunto para mulheres”.

Os custos das escolhas não foram poucos e tampouco leves, para nenhuma delas. A forma como Antonieta envolveu-se na campanha de José Vasconcelos à presidência trouxe-lhe prejuízos sociais e políticos. Os rumos violentos da campanha fizeram-lhe conhecer um viés da política que assustou-lhe. Não conseguiu ver condições de viabilizar

a realização de projetos alimentados, com a vitória dos opositores políticos daquele a quem havia apoiado.

No caso de Patrícia Galvão, caso que chega a impressionar, mas que representa a postura de outras mulheres, registradas pela História, ou guardadas no anonimato dos registros, a militância política foi vista como um projeto de vida, ocupando lugar de preponderância em suas escolhas e ações. Pagu entregou-se, de forma integral ao projeto comunista que propunha a mobilização de homens e mulheres revolucionários (as) em prol do fim da libertação dos (as) trabalhadores (as) explorados (as) pelo sistema capitalista. Iniciou a militância impregnada de esperanças na revolução social, mas, ao longo do trajeto, deparou-se com inúmeras dificuldades e desencantos: perseguições, prisões, expulsão, estigmas e incompreensões.

Quanto aos escritos pessoais, entendemos que podem ser vistos como instrumentos utilizados pelos sujeitos históricos para diversos fins. O *Diário de Bordéus*, de Rivas Mercado, cumpriu a função de ajudá-la a enfrentar e resistir aos desafios e tensões que a vida lhe impunha. Embora a fase vivida parecesse-lhe bastante desfavorável, em relação ao futuro - ou exatamente por isso - a escrita do diário representou uma forma de resistência ou uma tentativa de encontrar forças, por meio do trabalho intelectual, para enfrentar os desafios. No seu diário e em suas cartas evidenciou-se uma mulher insubmissa diante das circunstâncias. Encontramos registros de sua insatisfação com aspectos da cultura no México, desejo de realizar e limites de diversas ordens, que a impossibilitaram de concretizar projetos: saúde física e emocional debilitadas, pressões sociais e familiares ou disputas de espaços, com outras protagonistas femininas que também buscavam a mesma inserção e projeção que ela.

Dentro do espectro de imagens construídas, tanto na autobiografia, como nas cartas a Rudá, Galvão fez uso dos escritos pessoais para modelar o eu, incluindo, lado a lado, a militante decidida pela ação política e a mãe que sofria pelos desdobramentos que a ação política impunha, quando requeria o distanciamento e ausências contínuas. Chama-nos atenção que Pagu fez questão de materializar o seu amor e construir as justificativas para as ausências, escrevendo cartas para uma criança que tinha entre um a seis anos, quando ainda não dominava a prática e os códigos de leitura. Somos levadas a crer que, ao fazê-lo, tinha clareza das consequências de suas escolhas; portanto, já considerava a possibilidade de, ainda que num futuro longínquo, o filho pudesse

compreender os valores e as escolhas da mãe. Portanto, o uso do recurso não visava apenas o presente.

Referências Bibliográficas

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado. O mito do amor materno*. Disponível em: <http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 2ª edição (trad. Sergio Milliet). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009, 2v.

BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral* (8ª ed.). Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006

GALVÃO, Patrícia. *Paixão Pagu. Uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. FERRAZ, Geraldo Galvão (org.). Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: *Escrita de si, escrita do outro*. Gomes, Ângela de Castro. (Org.) RJ: Editora FGV, 2004. _____ “Nas Malhas do Feitiço: o historiador e os Encantos dos Arquivos Privados”.

In: *Revista Estudos Históricos*. Vol. 11, nº 21, 1998.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à internet*. Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

MALUF, Marina. *Ruídos da memória: a presença da mulher fazendeira na expansão da cafeicultura*. São Paulo, Siciliano, 1985.

PONCE RIVAS, Antonio (recomp. y notas). *La Antonieta de Reyes*. México: Aladas Palabras, 2005.

PONTES, Heloisa. *Intérpretes da metrópole. História social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual (1940-1968)*. São Paulo: EDUSP, 2010.

RIVAS MERCADO, Antonieta. *Diario de Burdeos*. México: Universidad Autónoma de Estado de México/ Siglo XXI Editores, 2014. Edición fac-símile.

RIVAS MERCADO, Antonieta. *Obras Completas de Maria Antonieta Rivas Mercado*. In: MARIO SCHNEIDER, Luis (org.). México-DF: Oasis/SEP, 1987. (Col. Lecturas Mexicanas).

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.